



DOM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos Empresa Editora: Tip. "União Gráfica," T. do Despacho, 18-Lisboa Administrador: P. António dos Reis Redacção e Administração: "Seminário de Leiria,"

FÁTIMA — Mensagem de misericórdia

(13 DE JUNHO)

«A mensagem de misericórdia que a Virgem Santíssima trouxe a Fátima não era só para Portugal, como a de Lourdes não era só para França».

(Do rev.º P.º Luís Gonzaga da Fonseca, S. J., professor do Instituto Bíblico Pontifício, de Roma, no seu magnífico livro: «As maravilhas de Fátima».)

Maria, Mãe de misericórdia

«Quando, no extremo oriente da Europa, o Anti-Cristo desencadeava, não só contra a verdadeira religião, mas contra a própria ideia de Deus e contra a sociedade civil a guerra mais formidável que a história regista; no extremo ocidente aparecia a grande e eterna Inimiga da serpente infernal».

Portugal, que enviara aos campos de batalha na Flandres e em África algumas dezenas de milhar de soldados, estava prestes a sofrer as terríveis consequências da guerra na esfera da moralidade pública e particular, que viriam agravar sobremaneira os efeitos deletérios duma revolução anti-cristã que, tendo logrado derrubar um trono oito vezes secular, pretendia também destruir sacrilegamente o templo e o altar.

A peste do laicismo grassava por toda a parte, invadindo os diversos sectores da vida social. Nas escolas públicas e particulares era estritamente proibido o ensino da Religião, mas, em vez de se manter em tôdas as partes uma digna e respeitosa neutralidade, muitas delas eram focos de hostilidade manifesta e odienta contra a Igreja, contra as suas instituições e contra os seus ministros. Associações anti-clericales ostentavam desפורada e impunemente, à frente dos cortejos formados por alunos dos seus colégios, em bandeiras desfraldadas ao vento, legendas como esta: «Sem Deus nem Religião!» Na imprensa, no parlamento, nos estabelecimentos de ensino, nos quartéis e nos comícios, falava-se ou escrevia-se sem a mais leve sombra de respeito pela Religião e muitas vezes até pelas regras mais elementares da moral.

Por outro lado, os quadros da acção católica e da acção social cristã achavam-se ainda por organizar. A Igreja, intimamente unida ao Estado, como já mais o fora em país algum do mundo, manietada, oprimida e quasi asfixiada por ele, não possuía a liberdade indispensável para proceder à depuração dos seus elementos humanos e à intensificação do seu apostolado redentor.

As regiões do centro e do sul do país raganizadas, grande número de templos profanados ou destruídos, o clero reduzido nas suas fileiras, os seminários desfalcados na sua população, os Bispos e os párocos vexados, presos ou perseguidos, a onda da impiedade e da dissolução dos costumes avançando assustadoramente e ameaçando subverter a religião, a família e a própria sociedade civil, eis o sudário das calamidades nacionais durante o longo período de perturbação que sucedeu à queda do antigo regime.

Foi então que a augusta Rainha do Céu, empunhando novamente a arma invencível do Santo Rosário, se dignou aparecer, entre nós, portugueses, num pequeno rincão, ermo e árido, da Serra de Aire, para nêle estabelecer o seu quartel general e de lá assestar as suas baterias, a oração, a penitência e a fuga do pecado contra os exércitos formidáveis do mal, numerosos, aguerridos e inauditamente violentos nos seus ataques.

Mãe piedosa e compassiva dos portugueses, por êles eleita como sua Padroeira, a Virgem sem mácula, mostrando-se

sucessivamente sob a tríplice invocação do Rosário, das Dores e do Carmo, estabeleceu na Cova da Iria, precisamente no centro geográfico, histórico e monumental da nossa Pátria, o seu trono de graça e de misericórdia.

A sua mensagem celeste, confiada a três humildes e inocentes crianças, dirigida a Portugal e comunicada às cinco partes do mundo, constitui um facho de

Condestável, fez reviver nos nossos dias as grandezas e as glórias doutras eras, avivando a fé, acrisolando a piedade, reformando os costumes, purificando as almas, restituindo à nação a ordem, a paz e a prosperidade, prestigiando a Igreja, impondo Portugal ao respeito e admiração do mundo e reproduzindo, como que por encanto, nos seus vastíssimos domínios de além-mar, a maravi-

tinha chegado poucos momentos antes ao local das aparições, encontra-se já na varanda do pavilhão dos doentes, onde se ergue o grande altar das missas solemnes. Os peregrinos rezam em comum o terço do Rosário. Começa em seguida a procissão das velas.

Na tribuna, em frente do microfónio, o rev. dr. Marques dos Santos, vice-reitor do Seminário de Leiria e capelão director do Santuário, dirige as preces e os cânticos da multidão. A voz clara e bem timbrada do sacerdote, que oito potentes megafónios reforçam e multiplicam, ouve-se distintamente por toda a vasta esplanada: cem mil vezes respondem em côro e a oração e o canto proseguem numa ordem perfeita e admirável.

As onze e meia o magestoso cortejo chegou ao termo do seu longo percurso. A enorme massa compacta de povo, reunido junto do Pavilhão, canta o Credo com fé viva e santo entusiasmo.

Esta melodia entoada por um côro imenso é simplesmente sublime.

O maravilhoso cortejo nocturno, que circula durante cerca de duas horas nos extensos domínios do Santuário, constitui um soberbo e tocante espectáculo, em que a multidão ora, canta e aclama a Virgem, numa apoteose esplêndida, única e indescritível.

Adoração nocturna

Pouco depois das onze e meia, Jesus é exposto sobre o altar no seu Sacramento de amor. Principia então a linda e comovente cerimónia da adoração nocturna.

O Senhor Bispo de Leiria, que preside à recitação do terço, explica nos intervalos das dezenas os mistérios dolorosos do Rosário.

É nesse instante que, melhor do que nunca, se pode apreciar a fé viva e a piedade ardente dos peregrinos de Fátima. Que silêncio e que recolhimento! Que fervor nas súplicas que partem bem do fundo da alma. Que amor e devoção à Virgem!...

A primeira hora é destinada à adoração e reparação nacional. No fim o venerando Prelado recomenda às orações dos fiéis o Papa, os Bispos, a Pátria, tôdas as intenções confiadas aos peregrinos de Fátima.

E aqueles milhares de peitos, pulsando em unísono ao impulso de caridade cristã, rezam, com fervor, pelas necessidades alheias, como se rezassem pelas suas próprias necessidades.

Fazem em seguida cada uma a sua hora de adoração particular as principais peregrinações presentes, enquanto o grosso dos fiéis procura tomar um pouco de repouso, uns deitando-se na terra nua, outros, um pouco mais felizes, recolhendo aos seus automóveis ou camionnettes.

As peregrinações tiveram a sua hora de adoração pela ordem seguinte: Lourinhã, da 1 às 2; Socorro, das 2 às 3; Covilhã (freguesia de S. Martinho), e Nadadouro (Caldas da Rainha), das 3 às 4; Lamego das 4 às 5.

A Missa da Comunhão Geral

As 5 horas principia a missa da Comunhão Geral, na capela do Pavilhão dos doentes, sendo administrada por vários sacerdotes a mais de cinco mil pessoas.

Que scena encantadora a daquela Comunhão Geral na Cova da Iria, em que a multidão dos fiéis ciciava baixinho mas cheia de fervor as suas orações e o numerooso côro entoava os cânticos mais apropriados à solenidade daquele grandioso acto!

As 9 horas celebra a Santa Missa o Senhor Bispo de Leiria. Acolitaram o venerando Prelado os rev.ºs dr. cônego Francisco dos Santos, abade da Sé do Porto, e dr. Joaquim Carreira, professor de sciências eclesiásticas no Seminário Episcopal de Leiria.

As onze horas e meia no monumento comemorativo das aparições, o rev.º dr. Marques dos Santos preside à recitação do terço do Rosário, em que tomam parte milhares de peregrinos. Ao meio-dia, realiza-se a primeira procissão de Nossa Senhora, em que a Imagem da Virgem de Fátima é conduzida processionalmente pelos servitas da capela das Aparições para o Pavilhão dos doentes.

A Missa dos doentes

Em seguida celebrou-se a missa oficial, a que assistiu o Senhor Bispo de Leiria. O celebrante é acolitado por dois ilustres médicos, os drs. Gualdino de Queirós, de Sernache do Bonjardim, e Henrique Bernardo Gonçalves, de Cem-Soldos (Tomar), que, depois de terem prestado os seus serviços profissionais no Posto das verificações médicas, quiseram coroá-los com aquele piedoso acto em honra do Rei e da Rainha de Fátima.

Av Evangelho subiu ao púlpito o venerando Prelado de Leiria que diante do microfónio, proferiu uma bela e comovente alocução, que os megafónios transmitiram com uma clareza admirável a todos os grupos que constituíam o auditório e que no seu conjunto perfiavam o número de muitas dezenas de milhar de pessoas. Após a missa, o Senhor Bispo de Leiria pararamentou-se no altar e, depois de exposto e incensado o Santíssimo Sacramento, deu a bênção eucarística aos doentes.

Estes estão uns deitados em macas e outros sentados nos bancos do Pavilhão. São em número de algumas dezenas.

É esta a mais tocante de todas as scenas.

Choram os doentes e choram os circunstantes. Mas as lágrimas que brotam de todos os olhos umas são lágrimas de esperança e de conforto e as outras são lágrimas de caridade e de compaixão. Jesus, presente na Hóstia Santa, pura e immaculada, passa através daqueles corpos quebrantados e torturados pela dor e o seu Coração Divino, cheio de piedade e de ternura, espalha a flux as suas graças sobre as almas bem dispostas e, como outrora na Palestina, passa fazendo o bem. Leva a umbela um dos nossos mais distintos homens de ciência, dr. Carlos Lima, director da Faculdade de Medicina do Porto.

Assistiu a todos os actos do culto um peregrino estrangeiro, o rev.º Caspar Hutter, missionário alemão, que é actualmente reitor duma capela em Reichenau, na Austria, e que veio expressamente de tão longe para visitar o Santuário de Fátima.

Cantado o *Tantum ergo* e dada a bênção geral, os servitas reconduziram à ca-



13 DE MAIO DE 1933

Chuva de flores sobre o andor de Nossa Senhora da Fátima

luz que ilumina as almas com o esplendor das verdades eternas, um foco de calor que abraça os corações no fogo do amor divino, um fermento de vida sobrenatural, assombroso e único, que faz levedar os individuos, as familias e os povos, convertendo-os, santificando-os e salvando-os.

Bendita seja a augusta Rainha de Fátima, Mãe de misericórdia, vida, doçura e esperança nossa, que, nesta terra de Santo António, o glorioso Taumaturgo, e do Beato Nuno de Santa Maria, o San-

hosa e sublime epopeia missionária de antanho!

Procissão das Velas

Vai realizar-se o grandioso acto preparatório das comemorações oficiais do dia treze. No firmamento, limpo de nuvens, brilham miríades de estrelas, que se distinguem a olho nu.

São pouco mais de dez horas. Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria, que

Graças de N. Senhora de Fátima

Dores nervosas

Em 1927, sofrendo já havia bastante tempo de horríveis dores de cabeça e não podendo tomar mais remédios com receio de ensurdecer de todo, como me diziam, ia sofrendo com a maior resignação possível. Uma manhã, porém, depois de uma noite de tormentos, levantei-me aflita, ajoelhei em cima da cama defronte de uma imagem da Santíssima Virgem e bebendo um pouco de água do seu Santuário, com muita fé lhe pedi que me levasse para o Céu ou me tirasse aquelas dores. Nossa Senhora atendeu-me, pois que, graças a Ela, as dores desapareceram imediatamente e são já passados cinco anos sem que elas tenham tornado a martirizar-me nem mesmo brandamente.

Em 1928, encontrando-me muito mal tive de recolher ao hospital para ser operada. Durante 15 dias estive de cama, sempre de costas e sem poder dormir. Tinha comigo um pequeno rosário que me trouxeram da Fátima esse ano, e rezava-o constantemente, pedindo a minha Mãe do Céu que me livrasse de operação e depressa me puzesse junto de minha filha. A Virgem Santíssima não me desamparou porque, pouco depois, já estava na minha casa ao pé de minha filhinha. Agradeço a Nossa Senhora diversas outras graças que obtive por sua intercessão.

Recolhimento de S. Cristóvão.
Rua da Achada — Lisboa.

Ida da Silva Bastos

Meningite

Nos fins de Março do corrente ano adoeceu minha filha única, Maria de Lourdes Dias, que então tinha de idade treze meses. Tendo alguma febre, vômitos e falta de apetite, fomos com ela a um médico que nos disse ter sido excesso de sol, recomendando à mãe bastante dieta, por causa do leite com que havia de alimentar a doente e receitou um frasco de remédio para friccionar a Mãe e a filha. Como o mal fosse sempre aumentando, passados dois dias fomos a outro médico, Sr. Dr. Joaquim Francisco Alves, de Vila Nova de Ourém, com nos disse logo, ainda mesmo antes de a auscultar que ela tinha uma meningite, já em estado muito perigoso; já tinha a cabeça inclinada para trás e ainda não tinhamos dado por isso. Ficámos deveras aflitos ao ouvir falar nesse mal.

Cerca das 6 horas da tarde desse mesmo dia parecia que minha filha nos ia deixar para sempre, até toda a família se chegou a despedir dela; as suas faces, horas antes coradas, apresentavam agora uma cor cadavérica; os olhos cerrados, as pálpebras denegridas, o corpo todo morto, nem mesmo a respiração se percebia sem dificuldade, e chegando até, por algumas vezes, pessoas presentes a perguntar se ela já tinha exalado o último suspiro.

Por muito que a chamássemos nem os olhos abria, tal era o estado em que minha filhinha se encontrava. Nesta altura lembrei-me de lhe fazer beber umas gotas de água de Nossa Senhora da Fátima que sempre tenho em casa, e ao dar-lha, minha filha abriu os olhos. Como vimos que ela ainda conservava um sopro de vida, entre lágrimas e suspiros fizemos algumas promessas a Nossa Senhora da Fátima, se Ela curasse a minha filha, e ficasse sem defeito algum.

Ao meio do terço que à noite rezava com toda a família minha filha começou a chorar e depois da reza do terço fomos encontrá-la com os olhos abertos, as faces coradas, parecia que tinha ressuscitado. Minha filha conservou a cabeça inclinada para trás até ao dia 27 do mesmo mês. Durante a sua doença, não abandonei de todo a medicina indo algumas vezes eu só, dar informações ao médico para que se ela falecesse eu não ficasse com pena de não ter empregado sequer alguns meios para a salvar. Todos nos diziam que não pedissemos a sua cura a Nossa Senhora porque ela não escaparia, e se escapasse que não ficaria sem defeito.

— Quem sabe, dizia eu, se Nossa Senhora me não concederá esta graça? Ela que tem feito tantos milagres, tenho fé que também nos concederá esta graça. Ninguém dos que a viram quando ela estava prestes a morrer se convencia que ela viesse a escapar de tal doença. O próprio médico o disse. Graças a Nossa Senhora da Fátima a minha filha está completamente boa, pois já lá vão 7 meses e não lhe encontro defeito algum. Mil graças sejam dadas à Nossa Mãe do Céu que se dignou ouvir-nos.

Casais de Abadia, Ceissa, 1932

João Dias

Tifomalaria

Meu marido adoeceu em 26 de Dezembro de 1930 com uma doença que só passados dias o seu médico assistente diagnosticou de «Tifomalaria», aparecendo-lhe em seguida um obcesso no fígado seguido de uma infecção intestinal e uma hemorragia nasal.

Quando no dia 6 de Fevereiro de 1931 o seu médico me disse que mais nada tinha a fazer-lhe, dizendo mesmo que não chegaria ao outro dia, como esse dia fosse a primeira sexta-feira do mês, foi-lhe ministrado o sagrado Viático pelo Rev.º Abade, que o encontrou tão mal que em seguida lhe ministrou a Extrema-Unção. Eu vendo a ciência médica esgotada e sabendo que a Misericórdia de Deus é inexgotável recorri a Nossa Senhora da Fátima para que Ela salvasse o meu marido.

Continuando ainda doente no dia 13 de Maio de 1931 improvisei um pequeno altar no meu quarto com a imagem da Santíssima Virgem acompanhando todo o dia em espírito os peregrinos em Fátima. A Virgem Santíssima querendo provar talvez a minha fé, foi nesse dia que consentiu que meu marido mais sofresse com uma segunda hemorragia nasal, e com um ataque de reumatismo agudo.

Não desanimei. Pedi sempre à Santíssima Virgem que lhe desse saúde e foi Ela quem lhe deu pois hoje encontra-se quase completamente restabelecido. Mui-tíssimo reconhecida venho agradecer a Nossa Senhora da Fátima que me alcançou tão grande bem.

Gonjoim.

Adosinda Martins de Castro e Gouveia

Agradecimento

Maria Joaquina e sua filha Maria da Glória Amaral, das Sete Cidades, Ilha do Pico, vindo que o estado de saúde de seu filho e irmão António, era grave, chegando os médicos a duvidar de uma cura radical, lembraram-se de recorrer à Senhora da Fátima, implorando a cura.

Dias depois entrou o mesmo em segura convalescença, ficando, dentro em pouco, livre de perigo e perfeitamente bem. Verdadeiramente reconhecidas para com a Senhora da Fátima, por nos haver atendido, pedimos para que a «Voz da Fátima» se torne eco da nossa imensa alegria.

Maria Joaquina e Maria da Glória

Tifoide

Há meses, o meu parquiano Manuel Francisco da Rosa adoeceu gravemente com febre tifoide, de carácter perigoso. Da 2.ª para a 3.ª semana o enfermo piorou de dia para dia.

Ministrei-lhe os Santos Sacramentos da Confissão, Viático e Extrema-Unção, depois de o médico assistente me declarar que não tinha esperança de o salvar e que a sua vida estava no fim.

Nesta altura, a Mãe do Manuel Francisco, recorreu a Nossa Senhora da Fátima e fez a promessa de publicar na «Voz da Fátima» a graça da cura, se a obtivesse.

Imediatamente o doente começou a sentir-se melhor.

Hoje, a piedosa mãe e o filho, radicalmente curado, agradecem e tornam público este favor recebido do Céu.

Candelaria — Pico — Açores.

P.º Xavier Madruga

Agradecimento

Tendo eu adoecido gravemente e estando de cama havia já quatro meses, declararam os médicos que me tratavam que tinha de sujeitar-me a uma melindrosa operação; mas devido ao meu estado de fraqueza, era necessário ir para Lisboa, afim de me fazerem uma transfusão de sangue. O meu estado era tal que mal podia mexer-me no leito.

Recorri então com mais viva fé a Nossa Senhora da Fátima, pedindo-lhe a graça de poder ser operada na Covilhã, e prometendo a Nossa Senhora publicar esta graça, uma vez que da Mãe do Céu a alcançasse.

Eu e minha família fizemos novenas a Nossa Senhora da Fátima, bebendo eu, ao mesmo tempo, da água do seu Santuário.

Dignou-se Nossa Senhora ouvir as nossas ardentes preces, vindo a ser operada no hospital da Misericórdia desta cidade, onde estive durante 3 semanas, com feliz êxito.

Regressando, depois, a casa estive ainda na cama durante 2 meses mas já em convalescença.

Desde então tenho gozado de saúde permitindo entregar-me já às minhas ocupações antigas.

Reconhecida para com a Mãe do Céu, sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, e cumprindo a minha promessa venho tornar pública esta graça e agradecer todas as outras que Nossa Senhora me tem concedido, pedindo que nos proteja sempre.

Rua Conde do Refugio — Covilhã.

Rosa de Jesus Mouta

Uma graça da Virgem da Fátima

«Nos momentos atribulados da existência, a alma crente encontra sempre um lenitivo que lhe suaviza as dores físicas e tranqüiliza o espírito perturbado por tristes e múltiplas apreensões, na esperança da protecção de Deus.

Neste cantinho de Portugal, onde a fé ainda se encontra viva, com todo o ardor dos antigos tempos de apostolização, desde há muito que se presta culto à Virgem de Fátima solicita Medianeira das graças do Céu.

A gloriosa padroeira de Portugal tem correspondido aos extremos de afecto da gente açoreana, com rasgos eloquentíssimas de amor maternal, concedendo copiosas graças aos que em horas afflictivas, à sua generosidade recorrem.

Nas últimas férias grandes, retido no leito por uma incómoda febre, a Ela recorri, pedindo-lhe a cura.

A gloriosa Mãe de Deus mui justamente chamada a «Salus infirmorum» ouviu minhas preces e os rogos dos entes queridos que me rodeavam, achando-me completamente restabelecido a tempo de poder continuar os meus estudos no corrente ano lectivo.

Como prometi tornar pública esta graça venho por este meio cumprir meu dever, e ao mesmo tempo agradecer a Nossa Senhora da Fátima a sua benemérita protecção, e protestar-lhe pública e sinceramente o meu indelevel reconhecimento.

Ribeira Grande — Ilha de S. Miguel — Açores.

Artur Botelho de Paiva.

Cura de alma e corpo

No dia 25 do mês de Junho do ano de 1925, adoecei com três doenças: Cegueira, depois tive uma paralisia e fiquei entredada de pés e mãos; finalmente tive uma eczema sifilítico, a pontos de estar cheia de chagas, deitando tôdas pus. Como estava muito mal mandei chamar o médico. Vendo ele que eu era pobre, aconselhou-me a que desse entrada no hospital. Entrei no hospital de S. José, onde durante dez meses fui tratada pelo Sr. Dr. Simões Ferreira que empregou todos os esforços para me salvar. Porém, encontrava-me cada vez pior.

Um dia encontrando-me quasi à morte apareceu junto da minha cama, uma senhora religiosa e aconselhou-me a que me dirigisse com muita fé à Virgem da Fátima e que lhe pedisse a minha cura. Como não sabia rezar, só lhe pedi que me curasse e prometi-lhe que andaria a pedir uma esmola para ir visitar o seu Santuário.

No dia seguinte, comecei a sentir-me melhor e daí a poucos dias comecei a levantar-me. O Sr. Dr. entretanto mandou-me embora, dizendo que a minha doença não tinha cura. Fui depois ter com outro sr. médico o qual me receitou muitos banhos para o eczema, mas nada valeu.

Depois fui ao Sr. Dr. Luís Sá que me fez muitos tratamentos, mas tudo sem resultado sensível.

Uma noite, estando muito mal, foi uma pessoa informar o meu médico do estado em que me encontrava. A resposta foi desanimadora em absoluto, dizendo que nada havia a fazer, que me cortassem o cabelo e que me dessem morfina. Vendendo-me perdida recorri à Virgem Nossa Senhora da Fátima, e no dia 12 de Maio de 1927, parti para Fátima com o Sr. António Cabral Pinto. Chegados lá levaram-me para junto do altar da Virgem Santíssima da Fátima e lá fiquei toda a noite. No dia seguinte fui receber a bênção dos doentes e imediatamente me senti melhor e graças a Virgem Santíssima encontro-me curada.

Já visitei doze vezes a Virgem Santíssima e espero continuar as minhas promessas.

Por isso ao dever de uma piedosa acção de graças, juntei a resolução de registar neste jornalzinho o reconhecimento da minha alma que já mais poderá esquecer tão preciosa graça.

Beco de S. Luís da Penha, n.º 6 — Lisboa.

Escolástica Nunes

Tuberculose

Sendo eu assinante deste jornal, vi as grandes graças que Nossa Senhora tem concedido aos tristes pecadores que a Ela têm recorrido com as suas preces.

Em 15 de Setembro de 1931, minha mãe, que já havia 13 anos que esteve prestes a morrer, ficando sempre com ataques de tosse, declarou-se-lhe nesse dia uma pneumonia.

Era tal o seu estado que o médico declarou que estava tuberculosa e que não mais se levantaria do leito, pondo logo muitas cautelas com o tratamento; que não se chegassem para junto dela, senão com uma máscara e bem desinfectados; escarros e mais dejectos, tudo fosse enterrado imediatamente. Eu, ouvindo tudo isto, fiquei com o coração despedaçado e virei-me então para a imagem de Nossa

Senhora da Fátima e fiz-lhe uma novena juntamente com os meus alunos da escola do curso nocturno e duas irmãs que eu tinha fizeram em casa sózinhas, também uma novena.

Prometi rezar um terço a Nossa Senhora da Fátima, um ano inteiro e publicar na «Voz da Fátima» a cura de minha Mãe, se ela lhe fosse concedida. E então qual não foi a minha admiração, quando ao começar a novena a minha querida Mãe sentiu logo algumas melhoras que foram sempre continuando. Hoje encontra-se bem, como antes da sua doença de há 13 anos.

Leonel de Medeiros Vieira Ponte Garça

Penarício

Uma das nossas pagãs convertidas, mãe de numerosa família, e cuja filha mais velha está na nossa missão, teve um penarício num dêdo, logo depois do nascimento do seu último filhinho.

Alguns dias depois, vieram dizer à sua filha mais velha que sua mãe estava muito doente duma mão. Uma das nossas irmãs foi com a pequena a casa da mãe para vêr o que havia.

Viram logo que a mãe estava ameaçada de gangrena; e a pobre mulher com uma criancinha pequenina e rodeada de outros filhos, via-se só, porque o marido estava longe a trabalhar.

A nossa irmã aconselhou-a a ir ao hospital, mas ela recusava-se a isso por causa dos filhinhos.

Obrigaram-na, à força, a ir e elas mesmas a acompanharam, pois o caso era urgente.

O médico examinou a mão e disse que, se passasse assim mais uma noite, não escaparia à morte e que seria provavelmente obrigado a cortar-lhe a mão, pois a gangrena já estava no dêdo.

Pobre mãe de família com uma só mão!

Imediatamente começámos uma novena a Nossa Senhora de Fátima para obter a cura sem que a mão fosse cortada. Terminada a primeira novena começámos outras e graças a Deus não cortaram a mão nem mesmo o dêdo que já estava atingido pela gangrena. Que mãe tão bondosa e tão terna nós temos no Céu! Graças infinitas lhe sejam dadas para sempre! Vimos hoje cumprir a promessa que fizemos de publicar esta grande graça no pequenino jornal «Voz da Fátima».

Também fizemos celebrar uma missa em acção de graças e em honra de Nossa Senhora da Fátima.

Irmãs de S. José de Cluny da missão de Landana. — (Congo Português)

Tumor

Pelos princípios de Janeiro de 1932, comecei a sentir um incómodo numa perna. O mal agravou-se de tal modo que me forçou a deixar o trabalho.

Consultei o Sr. Dr. Alexandre Lima Carneiro, das Caldas da Saúde, onde me encontrava trabalhando, o qual declarou tratar-se de um tumor perigoso no cimo da articulação do lado posterior da coxa. Passados alguns dias foi lancetado, segregando mais de meio litro de pus.

A coisa, porém, ia de mal em pior. Tirada uma análise clínica, a resolução dos distintos médicos foi que era forçoso entrar num hospital para me sujeitar a uma operação. No dia 30 de Março dei entrada no hospital da Póvoa.

Os médicos, porém, negaram-se a fazer a operação, em face do meu grave estado. Os dias iam-se passando e o meu mal piorando. Com poucas esperanças na minha cura, resolvi sair daquele hospital, com intenção de entrar num do Porto. Soube depois que o Sr. Dr. Carneiro tinha declarado na minha ausência que eu já não tinha cura.

Por isso desisti. Vendo esgotados os meios humanos, imploréi os divinos. Uma pessoa aconselhou-me que recorresse a Nossa Senhora da Fátima, que lhe fizesse uma novena, dando-me um frasquinho de água da Fátima. Com a fé de que fui capaz, pedi à Boa Mãe, consoladora dos aflitos, que me curasse ou me levasse deste mundo— que se fizesse o que fosse mais do seu agrado. Prometi publicar a graça, se fosse ouvido, e de assinar o jornal da Fátima, porta-Voz de tantas graças maravilhosas da Mãe do Céu em favor de seus filhos.

Experimentei melhoras logo nos primeiros dias da novena, usando como único medicamento a bendita água! Passados 15 dias, estava completamente bom, apenas com fraqueza na perna.

Que reconhecimento eterno devo a tão grande Beneficitora!

Glória para sempre à Mãe de Deus, que assim vela pela nossa Terra que foi e será sempre sua, e pelos seus desditados filhos!

Este prodígio deu brado nos meus conhecidos, que, incrédulos, duvidavam da realidade da cura, devido à gravidade da doença.

Para me certificar, consultei o Sr. Dr. Matos Moreira, da Póvoa de Varzim, voltando a consultá-lo passado um mês, afirmando-me que me encontrava bem.

Passados alguns meses, consultei o Sr. Dr. Araújo, de Vila do Conde, dizendo-me o mesmo. Agora, passados 8 meses sem o mínimo sinal de fraqueza, estou radicalmente curado, devido à bondade da «Saúde dos Enfermos». Hora e glória a Ela para sempre.

Instituto de Nun'Alvares.
Caldas da Saúde — Minho

João Baptista Rodrigues Leite

Inflamação

Armando Nunes de Carvalho, residente em Alpedrinha, tendo sido atacado de grave inflamação nos pulmões, pedi por várias vezes a Nossa Senhora da Fátima e a Santa Filomena a graça de me curarem, pois não só era desgosto para meus Pais, como também se aproximava o novo ano lectivo de 1932-1933 que assim certamente iria perder.

Fiz promessas, acompanhado de meus queridos Pais, as quais a Mãe Bendita ouvia sem visivelmente conceder a graça. Vindo o meu médico, o Sr. Dr. Alvaro Gambôa, para me auscultar, qual não foi a minha alegria, ouvindo-o dizer que estava curado!...

Em Outubro, recomencei o meu 5.º ano em Castelo Branco e agora que me encontro em férias venho cumprir o voto de publicar a grande graça que a Mãe Santíssima e Sta. Filomena me concederam.

Nunca poderei agradecer tantas graças que dela tenho recebido.

Alpedrinha, 30-12-932.

Armando Nunes de Carvalho

GRAÇAS DE N. S. DE FATIMA NO BRASIL

(Continuação)

Grça temporal

Uma Senhora, dona duma pensão, precisando fazer as compras do necessário para o jantar, achava-se absolutamente desprovida do necessário dinheiro para as efectuar.

Recorre sucessivamente a diversas pessoas que lhe deviam, mas a resposta era invariavelmente esta: «também não tenho». Recolhe-se então para desabafar com N.ª Senhora da Fátima, implorando d'Elá ao mesmo tempo o necessário e urgente auxílio. O feliz despacho não se fez esperar, pois, chamada inesperadamente ao telefone, achou-se com uma das pessoas que lhe deviam e se dizia disposta a pagar já parte da dívida, quantia necessária para livrar a Senhora dos apuros em que se encontrava.

Colite

Edith Sant'Ana Mascarenhas, — Largo da Palma, n.º 3, há cerca de 2 meses que vinha sofrendo atrozmente de uma Colite que não cedia a remédios alguns dos muitos que inutilmente lhe iam sendo receitados. Pessoa amiga lhe sugere o recurso a Nossa Senhora da Fátima, o que a doentinha com a família fizeram, começando desde logo uma novena de orações com a aplicação da água do Santuário.

Dois dias apenas são passados, e, do 2.º para o 3.º, com surpresa e grande gozozinho de todos, começa a doente a sentir sensíveis melhoras que de dia para dia cada vez mais se vão acentuando e confirmando.

Fraquesa Geral

Teodora Maria do Sacramento, — Rua da Fonte Nova, Senhora já de avançada idade, sob o peso de vários achaques, sentia-se desde há bastantes anos impossibilitada de aplicar-se a qualquer trabalho aturado, sem o qual lhe faltavam os necessários recursos para a vida. Ouvindo em fins de Setembro falar de Nossa Senhora da Fátima e dos prodígios por Ela operados em favor de tantos necessitados, confiadamente introduz desde logo a sua súplica, e com tão feliz êxito que, poucos dias depois, já com relativa facilidade se podia entregar aos necessários labores quotidianos sem notável incómodo, continuando sempre a sentir-se cada vez melhor, o que tudo confessa dever à maravilhosa protecção de Nossa Senhora da Fátima, a cujos pés é frequente ve-la ajoelhada na mais fervorosa acção de graças.

Fígado, rins, coração, etc...

Isbela Viana, quando ainda presidente das Filhas de Maria, secção das moças, existente no nosso Colégio, foi acometida de uma série de complicações qual delas mais grave, afectando o fígado, os rins, o coração, etc., recendo-se ainda que tivesse um tumor interno. A medida que iam surgindo novas complicações, cada vez mais aumentavam os receios de a não poder salvar e o próprio médico chegou a dá-la como perdida. Foi nessa altura que com o Director da Congregação a fui visitar, encontrando de facto a doente e todos os seus na maior desolação. Singularmente devota como era, a doente, de Nossa Senhora da Fátima, cu-

Acto de Consagração da diocese de Coimbra ao Coração Imaculado de Maria Santíssima.

— Sempre a sala de espera!
— Não acha isto exqu岸ito?
— Muito exqu岸ito até, mas de quem é a culpa?
— Minha!
— Julgo que sim.

ja imagem de 40^{cm} possui e tinha deante de si, disse nos servimos para lhe levantar o ânimo, levando-a à confiança em Nossa Senhora, perante a qual possuía particulares títulos de especial crédito pela sua dedicação à causa da mesma Senhora, zelando e ornamentando com particular esmero e carinho o seu altar. Assentou-se logo que, tanto a doente como todos os que por ela se interessavam comessem com particular empenho a implorar o valimento de Nossa Senhora da Fátima. Entretanto a doente iria bebendo da água do Santuário; e o facto foi que os receios de fatal desenlace se foram desvanecendo e já dentro em breve se considerava livre de perigo. Pouco depois já tódas as preocupações se dirigiam apenas a fazer recuperar as forças em que ficou extremamente abatida. Recuperadas estas em pouco tempo, a sua 1.^a viagem foi à Nossa Capela a assistir a uma Missa em acção de graças ao altar de Nossa Senhora da Fátima, mandada celebrar pela Congregação das Filhas de Maria.

Para comprovar que as alegrias deste mundo nunca são completas, no mesmo dia em que a doente mencionada assistia com intenso regozijo de todos a uma outra missa festiva da Congregação, sentia ao mesmo tempo grande dor por causa de uma sobrinha que acabava de chegar de S. Paulo e que, sujeita a uma operação melindrosíssima, se encontrava em gravíssimo risco, sem esperança humana alguma de se salvar. Animada, porém, com o que em si acontecera, confia também a sorte da sua sobrinha a Nossa Senhora da Fátima. Aceite por toda a família o conselho de a Nossa Senhora entregarem a doente, todos à porfia imploram com o maior fervor que podem a protecção da Mãe bendita, acompanhando as súplicas com o uso da água do Santuário que repetidas vezes a doentinha ia tomando, e o facto foi que, contra a esperança de todos, ela começou a melhorar de tal maneira que dentro em breve já era declarada livre de perigo.

Apezar disso continuou no leito por causa da extrema fraqueza a que ficou reduzida. Passado algum tempo, aproximadamente 3 meses, pede para se levantar. Auxilla-a nisso sua Mãe; quando porém, ao pôr os pés no chão se pretende firmar nêles, são tais as dores que experimenta, que as lágrimas lhe saltam dos olhos e desiste dos seus intentos. Resigna-se a permanecer ainda mais tempo no leito e a mãe volta a entregar-se aos labores domésticos. Sózinha como estava, alguns momentos mais tarde, vem à doente este pensamento provocado pela visão de um frasquinho de água da Fátima: «se eu friccionasse com umas gotinhas desta água as juntas e os tornozelos onde senti as dores agudas?»

Lembrar-se e fazê-lo foram actos continuos. Terminada a singularíssima operação, chama novamente sua mãe, dizendo-lhe desejar experimentar novamente se já podia andar, sem nada lhe dizer do que tinha feito, nem do pensamento que a isso a levou. Como era naturalíssimo, após o resultado da experiência momentos antes feita, procurou a Mãe dissuadi-la, persistindo sempre a filha em fazer nova tentativa sem querer por então declarar em que é que para isso se fundava.

Finalmente, dada a persistente recusa da mãe, abriu-se com ela, declarando-lhe o que tinha feito relativamente à água da Fátima, o que decidiu a Mãe a permitir-lhe nova tentativa, que felizmente surtiu o mais satisfatório efeito, podendo a doentinha, amparada pela Mãe, locomover-se em diferentes direcções dentro do próprio quarto e sem dores de espécie alguma.

A mesma doentinha, animada com este primeiro successo, no dia seguinte pede para ir até ao Oratório da casa, cerca de 20^m distante. Vai, reza lá de joelhos e volta sem a mínima dor, o que ela e todos consideram como mais uma maravilha de Nossa Senhora da Fátima, não se cansando a beneficiada de dizer aos pais e a todos: que, tão desenganada como esteve da vida, a que tiver até morrer será toda de Nossa Senhora da Fátima.

(Continua)

P.^o J. de Miranda S. J.

VOZ DA FATIMA

DESPEZA

Transporte	393.021\$22
Papel, comp. e impres. do n.º 129 (64.000 ex.)...	3.486\$45
Franquias, embal., transporte etc.	1.144\$95
Na administração — Leiria	267\$80
Total	397.920\$42

Donativos desde 15\$00

José Augusto Pires — Mangualde, 15\$00; Beatriz Pires Rebelo — Viseu, 15\$00; Linó Veiga — Samões, 20\$00; Maria do C. Lopes — Pôrto, 15\$00; Glória Esquivel — Mourão, 20\$00; Maria das D. Vasques — Barrancos, 20\$00; Maria das D. Vargas — Barrancos, 15\$00; José Vasques — Barrancos, 20\$00; Luis L. Perdição — Évora, 20\$00; P.^o A. Gonçalves — Singapura, 20\$00; P.^o António Calhote — Alcácer do Sal, 15\$00; José A. Mendes — Felgueiras, 20\$00; Maria Bandeira — Faro, 30\$00; Brazelina Junqueira — Brasil, 15\$00; António C.^o Martins — Pôrto, 50\$00; António das Almas — C. de Neiva, 40\$00; José M. Plácido — C. de Neiva, 50\$00; Maria Zélia de Oliveira — Vale Bemfeito, 50\$00; Margarida de Almeida — Lisboa, 20\$00; Margarida Gomes — Avis, 15\$00; Maria de S. José Naldo — Vila Nova de Fozcôa, 50\$00; Maria de S. José Monteiro — Vila Nova de Fozcôa, 40\$00; Josefinha Manso — Pombal, 20\$00; Distribuição em Fornos, 140\$00; Clara de Pinho — Aveiro, 20\$00; P.^o António Monteiro — Fafe, 50\$00; Maria Rocha — Lazareto, 20\$00; Augusto Sinde — Pôrto, 20\$00; A. M. — Angola, 31\$50; M. Duhaño — Inhambane, 100\$00; P.^o José Lourenço — Sobrado da Paiva, 20\$00; Matilde Chuquere — Albergaria-a-Velha, 15\$00; José Sarmiento — Chaves, 20\$00; Ermelinda Leite — America, 2 dolares; Ana da Azambuja — Lisboa, 20\$00; Purificação Carneiro — Fundão, 15\$00; Deolinda Chartts — ?, 50\$00; Henriqueta Godinho — Barcelos, 40\$00; Celina Pais — Paderne, 15\$00; Maria Martins — Recarei, 20\$00; Pároco de Arrifana, 50\$00; Maria Adelaide Lapa — C. de Paiva, 20\$00; Joaquim Ramalho — Lisboa, 30\$00; Anônima da Fronteira, 50\$00; João da Cunha — Chaves, 15\$00; Júlio Assis — Macau, 100\$00; Mariana de Castro — Santarém, 15\$00; Manuel de Nobrega — Madeira, 20\$00; Seminário Conciliar — Braga, 100\$00; António Madeira — F. de E-à-Cinta, 20\$00; Alfredo Barreiro — Lisboa, 20\$00; Maria C. e Castro — Chamoim, 100\$00; Maria Madalena — Rjódades, 15\$00; Ir. Laura Pereira — Missão de Cabinda, 100\$00; Manuel da Rosa — California, 1 dolar; 2 esmolas da California, 2 dolares; Custódio Lopes — Pôrto, 15\$00; 2 senhoras do Pôrto (esmola), 15\$00; uma devota — Açores, 20\$00; Lúcia Revocata — Belver, 15\$00; Aurora Antunes — Alhandra, 100\$00; Manuel Crisologo — Lourenço Marques, 50\$00; Manuel de F. Lúcio — Flores, 15\$00; Guilhermina Pinheiro — Lisboa, 100\$00; Gertrudes Penaforte — Cascais, 50\$00; Julieta de Moura — Pôrto, 20\$00; Maria do C. Pires — Pôrto, 16\$20; esmola de Barrancos, 20\$00; Ana Luna — Tendais, 15\$00; Directora do Hospital — Alpedrinha, 100\$00; Margarida Rosado — Aviz, 15\$00; Manuel Estudante — Alpiarça, 30\$00; Elvira N. da Fonseca — Lisboa, 75\$00; Distribuição em Paranhos, 20\$00; Lucinda Sousa — Paranhos, 25\$00; Artur Lobo — Gaia, 20\$00; Maria da P. Pombal — Cartaxo, 30\$00; Albertina Simões — Cartaxo, 20\$00; Inácia da Cunha — Felgueiras, 20\$00; José Rodrigues Pinto — Brasil, 15\$00; Francisco Joaquim — Aldea Grande, 30\$00; Jacinto Melicias — Buligueira, 30\$00; esmola de Buligueira, 100\$00; Manuel Melicias — Buligueira, 20\$00; Manuel Pires — Sob. Formosa, 20\$00; Jorge Vareta — Foz do Douro, 50\$00; Júlio Carlos — Lamego, 20\$00; Francisca Rosa — Alvega, 20\$00; Maria Clementina Leal — V. N. de Ourém, 15\$00; António Cerca — Ancião, 35\$00; Alda Sepulveda — Pôrto, 20\$00; António Homem de Gouveia — Madeira, 25\$00; António de Melo — Guimarães, 15\$00; Distribuição em Mjódos, 50\$00; Maria Amélia — Foz do Douro, 20\$00; Maria da C. Russo — C. de Vide, 37\$00; Manuel Brillante — Lisboa, 20\$00; Helena Gomes — Al. Nova, 20\$00; Emília F. M. Carvalho, 20\$00; Maria Ferreira Figueiredo, 76\$00.

ria Esquivel — Mourão, 20\$00; Maria das D. Vasques — Barrancos, 20\$00; Maria das D. Vargas — Barrancos, 15\$00; José Vasques — Barrancos, 20\$00; Luis L. Perdição — Évora, 20\$00; P.^o A. Gonçalves — Singapura, 20\$00; P.^o António Calhote — Alcácer do Sal, 15\$00; José A. Mendes — Felgueiras, 20\$00; Maria Bandeira — Faro, 30\$00; Brazelina Junqueira — Brasil, 15\$00; António C.^o Martins — Pôrto, 50\$00; António das Almas — C. de Neiva, 40\$00; José M. Plácido — C. de Neiva, 50\$00; Maria Zélia de Oliveira — Vale Bemfeito, 50\$00; Margarida de Almeida — Lisboa, 20\$00; Margarida Gomes — Avis, 15\$00; Maria de S. José Naldo — Vila Nova de Fozcôa, 50\$00; Maria de S. José Monteiro — Vila Nova de Fozcôa, 40\$00; Josefinha Manso — Pombal, 20\$00; Distribuição em Fornos, 140\$00; Clara de Pinho — Aveiro, 20\$00; P.^o António Monteiro — Fafe, 50\$00; Maria Rocha — Lazareto, 20\$00; Augusto Sinde — Pôrto, 20\$00; A. M. — Angola, 31\$50; M. Duhaño — Inhambane, 100\$00; P.^o José Lourenço — Sobrado da Paiva, 20\$00; Matilde Chuquere — Albergaria-a-Velha, 15\$00; José Sarmiento — Chaves, 20\$00; Ermelinda Leite — America, 2 dolares; Ana da Azambuja — Lisboa, 20\$00; Purificação Carneiro — Fundão, 15\$00; Deolinda Chartts — ?, 50\$00; Henriqueta Godinho — Barcelos, 40\$00; Celina Pais — Paderne, 15\$00; Maria Martins — Recarei, 20\$00; Pároco de Arrifana, 50\$00; Maria Adelaide Lapa — C. de Paiva, 20\$00; Joaquim Ramalho — Lisboa, 30\$00; Anônima da Fronteira, 50\$00; João da Cunha — Chaves, 15\$00; Júlio Assis — Macau, 100\$00; Mariana de Castro — Santarém, 15\$00; Manuel de Nobrega — Madeira, 20\$00; Seminário Conciliar — Braga, 100\$00; António Madeira — F. de E-à-Cinta, 20\$00; Alfredo Barreiro — Lisboa, 20\$00; Maria C. e Castro — Chamoim, 100\$00; Maria Madalena — Rjódades, 15\$00; Ir. Laura Pereira — Missão de Cabinda, 100\$00; Manuel da Rosa — California, 1 dolar; 2 esmolas da California, 2 dolares; Custódio Lopes — Pôrto, 15\$00; 2 senhoras do Pôrto (esmola), 15\$00; uma devota — Açores, 20\$00; Lúcia Revocata — Belver, 15\$00; Aurora Antunes — Alhandra, 100\$00; Manuel Crisologo — Lourenço Marques, 50\$00; Manuel de F. Lúcio — Flores, 15\$00; Guilhermina Pinheiro — Lisboa, 100\$00; Gertrudes Penaforte — Cascais, 50\$00; Julieta de Moura — Pôrto, 20\$00; Maria do C. Pires — Pôrto, 16\$20; esmola de Barrancos, 20\$00; Ana Luna — Tendais, 15\$00; Directora do Hospital — Alpedrinha, 100\$00; Margarida Rosado — Aviz, 15\$00; Manuel Estudante — Alpiarça, 30\$00; Elvira N. da Fonseca — Lisboa, 75\$00; Distribuição em Paranhos, 20\$00; Lucinda Sousa — Paranhos, 25\$00; Artur Lobo — Gaia, 20\$00; Maria da P. Pombal — Cartaxo, 30\$00; Albertina Simões — Cartaxo, 20\$00; Inácia da Cunha — Felgueiras, 20\$00; José Rodrigues Pinto — Brasil, 15\$00; Francisco Joaquim — Aldea Grande, 30\$00; Jacinto Melicias — Buligueira, 30\$00; esmola de Buligueira, 100\$00; Manuel Melicias — Buligueira, 20\$00; Manuel Pires — Sob. Formosa, 20\$00; Jorge Vareta — Foz do Douro, 50\$00; Júlio Carlos — Lamego, 20\$00; Francisca Rosa — Alvega, 20\$00; Maria Clementina Leal — V. N. de Ourém, 15\$00; António Cerca — Ancião, 35\$00; Alda Sepulveda — Pôrto, 20\$00; António Homem de Gouveia — Madeira, 25\$00; António de Melo — Guimarães, 15\$00; Distribuição em Mjódos, 50\$00; Maria Amélia — Foz do Douro, 20\$00; Maria da C. Russo — C. de Vide, 37\$00; Manuel Brillante — Lisboa, 20\$00; Helena Gomes — Al. Nova, 20\$00; Emília F. M. Carvalho, 20\$00; Maria Ferreira Figueiredo, 76\$00.

Santíssima Virgem, Imaculada Conceição, Nossa Senhora das Dôres, do Carmo, do Rosário e da Fátima, Mãe de Deus e dos homens, Mãe da divina graça, Medianeira de todas as graças: — a Diocese de Coimbra representada pelos seus Prelados, pelos seus Párocos e mais Sacerdotes e pelas suas corporações e diversas classes sociais, neste dia tão solene vem aos vossos pés renovar o seu pacto de amor.

Queremos ser o que fomos outrora: crentes, obedientes e agradecidos. Queremos e prometemos cumprir as leis do vosso Divino Filho, nosso Redentor e Salvador, e os preceitos da Igreja por ele instituída para nos guiar e para continuar a sua missão na terra.

Fazei que os fiéis vivam sempre unidos aos seus Párocos, fiéis e Párocos unidos ao seu Bispo, e todos unidos ao Sumo Pontífice, para vossa maior glória e nossa salvação.

Fátima à luz da Autoridade Eclesiástica
Fátima, o Paraíso na Terra
A Pérola de Portugal

São 3 belos livros indispensáveis a quem desejar conhecer bem os prodigios da Fátima. Custa cada um 5\$00, incluindo já a despesa do correio. Os pedidos devem ser dirigidos ao Santuário ou à Redacção da «Voz da Fátima» — Leiria.

LEIAM TODOS

Quereis as vossas encomendas de água e artigos do Santuário despachados com maior urgência?
Fazei os pedidos ao Sr. António Rodrigues Romeiro — Santuário da Fátima, e não a esta redacção que dista 5 léguas do Santuário.
Daqui só deveis pedir livros sobre a Fátima e estes ser-vos-ão enviados com a brevidade possível. Há 4 diferentes a 5\$00 cada um.
A Oratória custa 40\$00.

Mater admirabilis, Mãe admirável: lançamo-nos nos vossos braços como o filho nos braços da sua mãe; protegi-nos a todos, protegi especialmente as nossas famílias, os pais e mães cristãos e os seus filhinhos, as criancinhas que tão queridas foram de Jesus.
Mater purissima, Mãe puríssima: abençoai os nossos jovens de ambos os sexos; fazei que todos procurem imitar as vossas virtudes; ponde uma barreira indestructível a essa onda de sensualismo que ameaça submergir-nos.
Mater boni consilli, Mãe do bom conselho: abençoai a nossa boa imprensa, as Conferências de S. Vicente de Paulo, as Noelistas, e todas as Obras sociais ou de piedade para que a sua acção seja cada vez mais fecunda. Inspiraí tódas as nossas empresas e associações para que nunca abusem dos seus direitos, nunca esqueçam os seus deveres, nunca percam de vista o fim último de todos os seus membros.

Sedes Sapientiae, Sede da sabedoria: abençoai os nossos Professores e estudantes, abençoai a Universidade, a nossa gloriosa Universidade que outrora vos deu tanta glória, abençoai o Centro Académico e o Círculo Académico Feminino, para que todos sejam preservados da falsa e pouca ciência que afasta de Deus.
Regina Apostolorum, Rainha dos Apóstolos; abençoai o nosso Seminário, viveiro de Sacerdotes; fazei que todos estes sejam verdadeiros Apóstolos. O virgem piedosíssima: vede como esta Diocese sofre por falta de Clero; dai-nos muitos e bons Sacerdotes, Sacerdotes de fogo, com uma autoridade de ciência capaz de dominar todos os espíritos, com uma autoridade de virtude e santidade capaz de arrastar todos os corações.
Suscitai também muitos apóstolos leigos de ambos os sexos, que cooperem com o Clero na restauração da ordem social cristã pela reconciliação das classes, dedicando a sua acção especialmente aos nossos operários tão carecidos, tão abandonados.
Salus infirmorum, Saúde dos enfermos: curai os nossos doentes, dai-lhes especialmente a saúde da alma, a paciência e resignação no sofrimento.
Refugium peccatorum, Refúgio dos peccadores: todos nós o somos, ó Maria Santíssima, mas vós sois Mãe de misericórdia, e a misericórdia não supõe méritos nem direitos; pedimo-vos especialmente pelos nossos irmãos extraviados, alcancai para todos a graça do perdão e da perseverança.
Janua coeli, Porta do céu: guiai-nos no caminho estreito da salvação; fazei-nos compreender que o sofrimento e as tristezas do tempo presente preparam as alegrias da eternidade; e no fim desta vida dolorosa abri a todos nós as portas do céu, e ai cantaremos eternamente os vossos louvores e os louvores do vosso Divino Filho. Amen.
Coimbra, 8 de dezembro de 1932 (Festa da Imaculada Conceição).

† MANUEL, Bispo de Coimbra

Emquanto espera um noivo

Um dia um sacerdote da cidade veio procurar-me a vêr se lhe indicava uma catequista. Tinha ali todo um mundo de crianças, umas abandonadas da rua e também muitas outras de bons famílias da sua freguesia.
Infelizmente (dizia êle) não tenho catequistas para todos aqueles miúdos. O meu amigo, como assistente da juventude católica e outras associações femininas, talvez possa indicar-me alguma rapariga suficientemente instruída, com geito e zelo por esta santa missão.
— A coisa não é lá muito fácil. Umhas não estão livres quando é necessário e outras não sentem ainda em si a necessidade de dar aos outros da luz que já sentem na alma.
É possível, no entanto, que mesmo fóra dessas associações se encontre alguma nas condições!
— Isso é que era um achado!
— Farei o que me fór possível.

Passados poucos dias, no lidar dos meus trabalhos, encontrei uma menina dos seus vinte anos, viva, saudável, séria, religiosa, de boa família e suficientemente instruída.
— A Cristina quer ser Filha de Maria (perguntei eu)? Olhe que já pertencem à Congregação muitas raparigas da sua idade e condição. Há de gostar.
— Se fór só para dar o nome... estou às ordens.
— Isso assim só, não, menina. E preciso trabalhar e eu destinava-lhe a igreja de...
Olhe que não pode dar melhor destino aos seus vinte anos do que, por meio da catequese, revelar Jesus às almas das crianças. E pensar depois que há alminhas de crianças que nos ficam devendo a luz espiritual que as ilumina é uma grande consolação.
A Cristina vai assim contribuir para tornar essas crianças felizes neste mundo e na eternidade...
Mas enquanto eu ia cantando, o menino desatinadamente possível, a beleza da missão de catequista, a Cristina esboçou uns leves gestos de recusa.
— Não, agora não, senhor Padre.
— E porquê?
— E que... (vou dizer-lho em segredo) estou para casar...

— Ah!... então não digo mais nada. E venciado por este argumento bati em retirada diante do futuro marido.

Depois de três meses encontrei casualmente a Cristina na sacristia da igreja de S. Pedro:
— E então, esse casamento?
— Simplesmente um boato, senhor Padre, um falso alarme e mais nada.
— Então é agora que vai tomar conta do seu lugar de catequista e auxiliar o pobre pároco cada vez mais atarefado de trabalho.
— Ainda não, Sr. Padre. Não pense que é má vontade da minha parte mas... vou esperar mais um bocado.
— Por quem?
— Pelo noivo.
— E se não vier?
— Há de vir.
Está bem. Desejo-lhe tódas as venturas e ainda esta por cima de tódas. Veja lá, porém, o que vai fazer pois que não deve passar os mais belos anos da juventude numa sala de espera sem fazer nada de geito.
— Desta vez tenho um palpite que conto não falhar. Se não fosse isso, de muito boa vontade. Gosto até muito de me dedicar às criancinhas.
— Não duvido.

Mais três meses e a Cristina veio procurar-me à sacristia.
Vem triste, vê-se que sofre. Mete dó.
— Então as coisas não correm bem?
— Não cada vez pior. Os rapazes já me não interessam. São realmente estúpidos demais!... Parece-me emfim que não sou tão feia que meta medo e tenho alguma coisa de meu.
— Tudo isso é certo mas quere-me parecer que Cristina é exigente demais.
— V. Rev.^a ha-de concordar que não devo ligar a minha existência a um estroina qualquer. O que eu pretendo é um rapaz de bons costumes, inteligente e educado. Senão, não.
— A Cristina tem toda a razão.
— Não é que não tenha sido pedida algumas vezes, mas quando tomo informações um pouco concretas, fico desgostosa às vezes, e até enojada! Preso demais a minha dignidade para ir viver com um imoralão ou um imbecil.
Mas com tudo isso sinto-me insatisfeita e triste. Sinto um vazio no coração. Sofro, sofro imenso!
— E eu que tenho tão belas ocupações a dar-lhe...
— Espere ainda mais algum tempo, sim?

Mais seis meses. Cristina esteve sempre à espreita, à espera do príncipe encantado que teima em não aparecer.
Sempre de atalaia, sempre vigilante na torre da sua esperança que se obstina em não morrer.
E que Cristina é realmente exigente: Este é baixo demais, aquele é muito gordo. Fulano não é elegante, o nome de sicrano é muito exqu岸ito. Um outro precisa de ir para o sanatório ou, ao menos, uns tempos no campo.
— Já sei o que é que lhe convém. Um rapaz talhado conforme aos seus desejos.
— Que quer? Coisas destas só se fazem uma vez na vida. Devem, pois, fazer-se bem. Esperarei pois o tempo que fór preciso.
E Cristina fica esperando quasi que contra a esperança.

Outros seis meses. Um quadro desolador. Todos os registos da harpa de Jeremias abertos. Lagrimas em fio. Uma dor de alma. Cristina está abatida de todo e tenho até de fechar a porta da sacristia para que de fóra não percebam os seus lamentos e desespero.
— Pobre Cristina!
— Sim, sim. Pode bem dizê-lo. Coitada da Cristina que já ninguém quer saber dela, ninguém se interessa por ela.
— Ora essa! Interesse-me eu e estou desolado de a vêr passar os mais belos anos da vida sem fazer nada, murchar como uma linda flor do campo.
— Obrigada pela flor a murchar.
— O dia de ontem já não existe mais existe o dia de hoje e, se Deus quiser, ha de existir o de amanhã. Utilize-os. Não perca a bela ocasião que se lhe oferece.
Trabalhe, amanha, colha os frutos sazonados que pode colher. A vida das obras religiosas e sociais está à sua espera.
Volto a repetir-lhe: Há tantas criancinhas que seriam tão felizes em tê-la por mestra.
— Sim, não duvido...
Mas então é dizer adeus a tudo. A gente que entra nas obras já não casa. Fica-se presa na engrenagem...
— A Cristina está muito enganada.
— Não me parece.
— Digo-lhe que está. Então não se lembra da Matilde, da Francisca e da Fernanda e outras que trabalharam a valer na Juventude católica e associação das Filhas de Maria e com isto despertaram a admiração de toda a gente, inclusive dos rapazes sérios e bem dotados. E encontraram assim um marido e Deus sabe quanto são bons maridos.
— Sim, afinal V. Rev. tem razão. Ainda assim vou esperar mais algum tempo.
— Sempre esta sala de espera. Parece que lhe está na massa do sangue.
— Então porque se ri de mim como se eu não fosse já bem desgraçada?
— Eu não me rio. Tenho compaixão da sua cegueira.

Outros seis meses. E ainda outros seis. E já lá vão onze anos. E a Cristina sempre à espera. E agora uma senhora avinagrada, azeda, desbotada que vai secando, e amarelecendo.
Para querê-la era preciso ser cego. Quem ha de querer a obra de uma pessoa que em mais de onze anos não fez nada? Pode até duvidar-se que o próprio Deus queira agora aceitar alguma coisa dela.
Ainda assim, vou experimentar ainda esta vez, uns pobres a visitar, alguns trabalhos de costura para igrejas pobres, mas receio a fatídica frase:
— Não, ainda não.
E nunca mais foi.
— Coitada da Cristina!
(Adaptado de «Pierre l'Ermite»)

Entendam

Esta redacção não se responsabilisa pelas mudanças nas direcções cujos assinantes não mandarem o número da sua assinatura junto ao pedido para a mudança.
Façam os pedidos da água e de objectos religiosos ao Sr. António Rodrigues Romeiro — Santuário da Fátima, e não a esta administração.